ALGUNS ASPECTOS DA POESIA DIGITAL

Jorge Luiz Antonio (PUC SP)[1]

Resumo:

Este comunicado tem o objetivo de apresentar alguns elementos constitutivos de uma atividade poética que vem sendo explorada nos meios eletrônico-digitais (computador, rede, internet, disquete, cd-rom). Trata-se de um percurso da poesia através dos tempos e dos meios de expressão, por meio de um elenco de quatorze poesias digitais, de diversos países, que permite observar o uso da palavra como evocadora de imagens (literárias e mentais), sua espacialização em meio impresso ou não, a incorporação desses recursos no meio eletrônico-digital (vídeo, holograma, cd-rom, disquete, computador, internet), o que pode ser resumido como o uso poético da palavra que se adequa às mais diferentes técnicas e tecnologias como forma de comunicação poética.

Palavras-chave:

Arte, Ciência e Tecnologia - Comunicação Poética - Poesia Digital

INTRODUÇÃO

O objetivo deste comunicado é apresentar algumas estruturas (as homologias estruturais como denominou Aguinaldo José Gonçalves a respeito da relação entre poesia e pintura, e as estruturas do texto artístico, conforme Iuri Lotman e Boris Uspensky) ou elementos constitutivos de uma atividade poética que vem sendo explorada nos meios eletrônico-digitais (computador, rede, internet, disquete, cd-rom). Trata-se de um esboço de um percurso da poesia através dos tempos e dos meios de expressão. Não se trata, é claro, de uma amostra de grande abrangência, mas aquela que permite expressar alguns pontos de vista previamente estabelecidos. É o uso poético da palavra que se adequa às mais diferentes técnicas e tecnologias como forma de comunicação poética.

[1] Doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC SP, sob orientação da Profa. Dra. Irene de Araújo Machado.

Essa preocupação está adequada a duas afirmações de estudiosos do assunto. Primeira: "A eletrônica e a informática invadem todos os espaços, mesmos os mais privados, e é bem provável que os próprios poetas já estejam escrevendo seus poemas numa tela de computador" (Machado 1998: 11). Segunda: "é hora de examinar o que está acontecendo na tela do vídeo e no terminal do computador e considerar seriamente como a poesia vai, a partir de agora, dialogar com tudo isso."[2]. É a nova poesia das mídias (Kac 1996:98), uma arte que se utiliza do referencial verbal como ponte de contato para se adaptar e permanecer nos novos meios.

Há um ponto de vista, um ponto de partida, uma forma inicial de criação que determina uma maneira peculiar característica e que nos permite distinguir a poesia digital da arte digital?

Esse elemento diferenciador, de acordo como os exemplos coletados e apresentados neste comunicado, é o uso da palavra poética como desencadeadora de um processo criativo com os meios eletrônicos, as explorações poéticas na rede, nas felizes expressões de Plaza e Tavares e de Gilbertto Prado.

Vários autores teorizaram e exemplificaram as afirmações acima.

Max Bense aborda a questão da poesia permutacional e se mostra como um dos precursores da estética informacional e poesia em computador, com o livro *Pequena Estética* (1975). Haroldo de Campos é um dos primeiros estudiosos brasileiros a falar sobre a poesia permutacional de Nani Balestrini (Campos 1976: 129-138) e, junto com Décio Pignatari e Augusto de Campos, realizam os primeiros poemas permutacionais (Campos 1977: 15-32).

Abraham Moles (1990), de forma diferenciada, teoriza e exemplifica a questão da estética informacional e da poesia e da arte permutacionais.

Claudio Daniel estabelece um percurso com *Un Coup de Dés* (1897), de Mallarmé, *Calligrammes* (1917), de Apollinaire, *Os Cantos*, de Pound, *Ulisses* (1922) e *Finnegan's Wake* (1939), de James Joyce, e. .m. cummings, como linguagem verbais, e, como linguagens não-verbais, a poesia concreta (Gomringer, irmãos Campos, Pignatari), Duchamp, Luís Ângelo Pinto, Maliévitch, a poesia visual, e a poesia do computador. "É possível ao poeta não apenas fazer a diagramação do poema, escolher a tipologia de letras, selecionar cores, copiar, modificar e

[2] (Perloff in Machado 1998: 11) (Perloff 1991: 15).

"colar" imagens, mas ainda integrar formas, células sonoras, perspectivas e animação." (Daniel 1995: 123)

Uma antologia organizada por Eduardo Kac reúne oito artistas e teóricos que propõem uma nova poesia das mídias: as simultaneidades de Jim Rosenberg, as leituras singulares de Philippe Bootz, a videopoesia de E. M. de Melo e Castro, o texto multimídia de André Vallias, a poesia virtual de Ladislao Pablo Györi, os cibertextos de John Cayley, a holopoesia e poesia digital de Eduardo Kac e a análise crítica de Eric Vos.

Dentre os seus muitos estudos, Pedro Barbosa traça inúmeras considerações sobre a ciberliteratura: criação literária e computador (1996).

JohnTolva (1996) apresenta um percurso que abrange a forma espacial, a visualidade e a palavra digital, enquanto Christopher Funkhouser (1999) esboça uma proto-antologia da poesia hipermídia norte-americana.

Jim Andrews (1997-1999) estabelece relações entre a poesia e a palavra elétrica, "uma linguagem siamesa de palavra e imagem", que ele denomina de "lingu(im)age", experimenta a espacialização da palavra em softwares como Adobe Photoshop, CorelDraw, Photopaint, Flash, Xres, Freehand, e toma como primórdio a poesia de Apollinaire, que lançou mão dos artifícios da tipografia em suas composições poéticas.

E, dentre outros, Antonio Risério aborda um longo percurso no livro *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital* (1998). Arlindo Machado afirma que, quando "a palavra é colocada numa tela de televisão ou restituída tridimensionalmente através da luz coerente do *laser* (na holografia), quando ela ganha a possibilidade de movimentar-se no espaço, de evoluir no tempo, de transformar-se em outra coisa e de beneficiar-se do dinamismo cromático, a sintaxe que a rege torna-se necessariamente outra, as relações de sentido transformam-se e o próprio ato de leitura redefine-se" (Machado 1998: 12).

Capparelli, Grusynski e Kmohan (2000) sintetizam muitas teorias, ao tratar da "união do poema e da imagem": "O poema visual e o ciberpoema possuem um conteúdo de indeterminação presente no objeto e/ou atribuído pelo leitor. No poema visual ambos estão imbricados, apesar da maior ou menor habilidade do leitor de perceber as ligações; entretanto, elas são finitas pela própria natureza do objeto. Diferentemente do poema visual, o ciberpoema exige um leitor atento e possuidor de habilidades técnicas. Com a interatividade o leitor torna-se co-autor da obra. O preconceituoso postulado da autoria é posto contra a parede. No poema

visual, ela pode ser compartilhada. É possível reconhecer níveis de autoria, por exemplo: isto de "x", aquilo de "y"; ou então: isto de "x" que manipulou "y" que gerou "z", manipulado por "w". Entretanto, o produto final desta simbiose é o *constructo* não as suas partes isoladas. No ciberpoema a autoria é coletiva. É possível pensar um ciberpoema em sistema aberto no qual leitores anônimos colaborariam como autores anônimos em uma obra coletiva que, por definição, seria uma obra inacabada, indeterminada, em progresso. Esta possibilidade está vedada ao poema visual pois, por definição, ele mantém a marca, o rastro do objeto de arte tradicional." (Capparelli et al 2000)

Vejamos como esse percurso seria possível: a palavra que provoca a sensação de visualidade através da parataxe, descritividade, referencialidade; a espacialização dessa palavra, indicando movimento ou não, que se torna também elemento estético; essa mesma visualidade transportada, acondicionada a um editor de texto e de imagem, ou seja, a poesia visual no computador; tantas alterações ocorrem que a palavra deixa de ser legível e passa a ser imagem; a palavra no contexto digital; a palavra em diagrama, produzindo o hipertexto a partir de relações à maneira de uma nova sintaxe; a junção de vários tipos de poesias, com o objetivo de produzir uma interpoesia; uma poesia hipermídia; uma poesia eletrônica como forma de releitura da poesia verbal já existente; uma poesia em movimento num site; a poesia-em-construção que estabelece relações diferentes entre leitor e autor, fazendo com que o primeiro seja o segundo, e vice-versa; ou mesmo releituras digitais de criações poéticas nos meios eletrônico-digitais, numa espécie de intertexto hipertextual.

Todos esses itens poderiam resumidos em: palavra, palavra + imagem + som, visualidade, interatividade, hipertextualidade, interface, movimento, 3D.

SONS, PALAVRAS E IMAGENS

As *poesias digitais* representam um elo cultural entre as poesias oral, verbal e visual, no sentido que os termos têm sido usados nas mais diferentes manifestações literárias, indicando um certo encadeamento e continuidade histórico-culturais: a poesia digital é a mais recente manifestação poética, um produto que concilia a arte da palavra e a tecnologia contemporânea.

A conformação da palavra à imagem digital passa por um processo que pode se apresentar resumidamente como a palavra à procura da imagem, semelhante ao conceito que Roland Barthes denominou de função utópica da literatura: a palavra tem a intenção de se tornar o ser ou o objeto que ela representa.

A relação entre palavra e imagem permite inúmeros enfoques, dentre os quais faz-se necessário estabelecer um parâmetro de enfrentamento da questão.

Podemos pensar na imagem que a palavra provoca, como é o caso do uso da linguagem no sentido figurado (imagem, comparação, metáfora, metonímia). É o que pode ser chamado de palavra-imagem.

Essa palavra-imagem pode ser pensada como o aspecto descritivo e a presença de parataxe em textos do Realismo, Simbolismo, Imagismo e da logopéia de Pound, da plasticidade e do sensacionismo de Pessoa, da poesia que se faz à maneira das artes plásticas e/ou visuais, como é o caso de Cesário Verde, Camilo Pessanha e Camões, da poesia que descreve a obra pictórica, como são algumas poesias de João Cabral de Melo Neto e Carlos Drummond de Andrade, da poesia que utiliza a forma do ideograma chinês (os irmãos Campos, Décio Pignatari, Pound, e. m. cummings, Eugen Gomriger, entre outros).

Se um grupo de palavras faz evocar imagens literárias (os conceitos de imagem, comparação, metáfora, portanto, figuras de linguagem), se ele apresenta visualidade, também apenas uma palavra, isolada ou não, é uma imagem visual em si mesma, dependendo isso de sua distribuição gráfico-espacial.

O uso espacial da palavra (Mallarmé, Appolinaire, Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo) parece-nos a ruptura entre a poesia verbal e a visual, no momento em que a segunda começa a pensar na fusão das artes, fenômeno observado nas vanguardas históricas dos finais do século XIX e do começo do século XX. "A estrutura seqüencial de uma linha do verso corresponde a um pensamento linear, enquanto que a estrutura simultânea do poema visual ou concreto corresponde a um pensamento ideográfico. O poema escrito em linhas, impresso em papel , reforça a linearidade do discurso poético, enquanto que o poema visual liberta as palavras na página." (Kac 1996: 186).

A fusão da palavra e da imagem determina inúmeros caminhos, cuja delimitação faz-se extremamente necessária, até pelo uso dos termos *palavra* e *imagem*. Inúmeras aplicações nos levam a um grande número de resultados e situações que precisam ser delimitados.

A relação da palavra e imagem no cinema, no vídeo, no teatro, nas artes plásticas, nas artes visuais, no design, na propaganda, no jornal, etc. pode ser estudada com resultados estéticos específicos e diferenciados, mas esse aspecto, que pode ser considerado como um estudo da estética comparada, não é o objetivo deste comunicado.

Parece-nos necessário delinear uma relação da palavra com a imagem enquanto produto literário, o que significa que é um poeta que vai incluir a imagem na sua obra literária. É um artista da palavra, que, também conhecedor dos mecanismos estéticos da imagem, vai utilizar outro recurso artístico.

E aqui o percurso histórico não nos interessa (Símias de Rodes, poesia barroca portuguesa, textos medievais, iluminuras, etc.), a não ser como análise da relação entre a palavra e a imagem no contexto literário.

A união da palavra com a imagem pode abranger outros aspectos. Podemos ter um poema ao lado de uma imagem, e, dessa forma, ler um poema ilustrado, mas, também, os versos e as imagens podem abranger uma significação, mesmo que metafórica, através da união dos seus elementos. É o caso de William Blake, Henri Rousseau, Paul Klee, que fizeram arte verbal, mas são igualmente poetas-pintores (Jakobson 1990: 127-148).

Podemos igualmente pensar no caso da existência de imagens que sugerem palavras, da mesma forma que temos palavras que evocam imagens. É o que pode ser denominado de poesia sem palavras, como é o caso de boa parte da poesia visual.

O que vai diferenciar a palavra-imagem ou imagem-palavra da poesia, delimitada de outras artes que usam dos mesmos elementos constitutivos, é a sua função poética. É o contexto poético que conforma essa mensagem. Faz-se necessário observar esse conjunto dentro de um contexto poético: palavras e imagens têm função poética, no sentido que esse conceito tem para Roman Jakobson, ou seja, permitem leituras múltiplas, plurissignificados, metáforas e metonímias.

Embora sem a pretensão de fazer um percurso histórico, com autores e periodizações literárias ou artísticas, esse foi um panorama bastante resumido das "experiências" da palavra que se "transformou" em imagem.

E, para o termo *imagem*, vale aqui se referir aos conceitos já abordados por outros estudiosos do assunto:

a) a questão das imagens técnicas, através dos recursos técnicos disponíveis: a matemática para a representação da pintura renascentista e o uso da matriz algorítmica para as imagens infográficas (Machado 1994: 8-14).

b) os campos de conformação imagética em interação: o fotográfico, o cinematográfico, o videográfico e o digital (Ramos 1994: 28-33).

c) os três paradigmas da imagem - o pré-fotográfico (desenho e pintura), o fotográfico (o surgimento da fotografia e sua repercussão) e o pós-fotográfico (o momento das imagens sintéticas ou infográficas) (Santaella 1994: 34-40).

A PALAVRA POÉTICA NO CONTEXTO DIGITAL

O ato de escrever à mão, à máquina, ou ao microcomputador. A princípio, isso pode parecer apenas um percurso histórico, mas cada um deles representa e determina um procedimento técnico que conforma nossa maneira de expressar.

A questão da palavra, aqui vista como palavra-poesia, em sua relação com a imagem, merece outra reflexão e detalhamento, agora já ao nível do contexto eletrônico-digital.

Vamos imaginar um computador, uma linguagem informática e uma tela do monitor. Nesse computador, um editor de imagens, um operador com experiência literária e conhecedor tanto da linguagem informática (um poeta-operador) como da linguagem literária (artista da palavra).

Na tela do microcomputador, a possibilidade variada de registro na dimensão virtual e seus sucedâneos mais limitados (cópia em papel, em disquete, via internet, cd-rom, etc.).

É o poeta da palavra se tornando operador virtual da palavra.

A palavra deixa de ser linguagem verbal e amplia seus horizontes, suas delimitações, para tornar-se texto verbal, sonoro, visual, audiovisual, digital, em outro contexto. Ou seja, "poder lançar mão de recursos que só o computador possibilita, como a estrutura em aberto do poema, a navegação não-linear ao longo do texto e a participação interativa do leitor. Neste caso, o poema deve ser distribuído diretamente por meios digitais, como disquetes e CD-ROMs, ou então deve ser acessado eletronicamente, por intermédio das redes telemáticas (Internet, por exemplo)." (Machado 1998: 16)

Trata-se de uma tentativa de equilíbrio entre o conhecimento técnico da informática e o da literatura, mas com uma ênfase na criatividade, na elaboração de uma outra linguagem que une a máquina e o sentimento humano. A interface[3]. A interatividade.

Se incluirmos, aqui, o conceito de montagem, da forma como Eisenstein teorizou e colocou em prática, mesmo que esse conceito não aborde, ainda, a questão da montagem digital, mais riqueza de observação e reflexão se nos apresenta.

A presença da palavra poética no contexto digital pode ser analisada sob vários aspectos: na presença e na ausência da própria palavra, na sua legibilidade ou ilegibilidade, na sua relação com a imagem infográfica, no produto resultante da junção intencional da palavra e da imagem, no predomínio tanto da imagem como da palavra, e assim por diante.

Igualmente é possível analisar um conjunto de palavras, fragmentos de frases e/ou versos, ou até versos, já não mais sob o ponto de vista linear da poesia rimada e metrificada, mas já como espacializada, hipertextualizada, com inúmeros "links" também visuais, tridimensionais, etc. Aqui vale pensar no *poema diagrama* de Jim Rosenberg ou na *poesia virtual* de Ladislao Pablo Györi, em que a dimensão virtual (visual, espacial, tridimensional) determina novas leituras, em que o enfoque hipertextual se torna a característica dominante. É claro que a hipertextualidade já existia nos textos verbais, mas esse não é o enfoque deste ensaio.

Podemos estender o conceito de *palavra poética* (vamos chamá-la de *palavra poética digital*) a uma intenção de um artista multimídia que tem como ponto de referência para a criação artística uma postura, uma formação, uma tendência literária. Trata-se de uma intencionalidade que o faz voltado para a arte da palavra, mas, mesmo assim, envolvido e interessado na produção de uma *nova poesia das mídias* (Kac 1996: 98-101), uma poesia das mídias eletro-eletrônico-digitais.

A expressão *palavra poética* se refere à poesia, no sentido correto do termo, arte da palavra, linguagem carregada do mais alto significado (Pound 1989: 32), agora conformada no contexto eletrônico-digital. E a generalização *palavra* pode significar mais do que uma letra ou palavra, mesmo um verso e uma estrofe, no sentido tradicional do termo ou não, mesmo uma relação permutacional, diagramática, hipertextual, espacial, etc.

[3] A interface, para a poesia, tem sido o uso do mouse e do teclado, da mesma forma que a imersão passa por processo semelhante ao da leitura das poesias verbal e visual. A construção do significado ocorre na mente do leitor-operador, à medida que ele entra em contato com a poesia, de forma similar à leitura (silenciosa ou não) de um poema impresso ou à audição de um poema. Isso foi o que pudemos observar até o presente momento.

Essa palavra pode ser uma forma quase ilegível, alguma coisa que apenas lembra palavra, que é elaborada por alguém que sabemos que faz poesia e não outras artes (plásticas, visuais, teatrais, cinematográficas, videográficas, etc.); uma tentativa de tradução intersemiótica de um texto já existente (um soneto, por exemplo); uma retomada inter e hipertextual de temas "consagrados" pelas poesias verbal e visual existentes, propondo uma leitura computadorizada; uma possível tentativa de mostrar, através da informática, um percurso da i/legibilidade da palavra na experimentação infopoética, de certa forma "atualizando" o conceito de ideograma desenvolvido por Fenollosa e Pound; a intencional desconstrução do significado, no sentido de saber o conteúdo dos poemas, passa a ser vista como uma plurissignificação das mais variadas possibilidades, muitas vezes pelo caminho particular traçado pelo leitor-operador (hipertextualidade); e assim por diante.

O percurso da legibilidade à ilegibilidade da palavra em relação à imagem, através das múltiplas e variadas possibilidades da tecnologia, pode nos levar à *poesia sem palavra*, em que a figura geométrica substitui uma palavra inteira, tornando uma colagem de significados representados pelas figuras, como foi observada na poesia visual brasileira da década de 70 (Menezes 1991: 75).

PÁGINA, LINGUAGEM, LEITURA

Um página na web, no cd-rom ou no microcomputador (disco rígido ou disquete) determina um novo tipo de leitura, em que basicamente precisamos de recursos e conhecimentos técnicos e tecnológicos. É, de certa forma, uma linguagem específica, que nos leva a observar a palavra, o som e a imagem no contexto eletrônico-digital.

Como lemos:

- um poema verbal: um conjunto de palavras que nos sugerem sons, versos, imagens literárias que nos surpreendem pelos mais inusitados sentidos?

- um poema visual: um conjunto não só de imagens que nos "trazem" palavras, idéias e sentimentos no contexto visual?

- um poema sonoro: um conjunto de sons que nos evocam palavras, imagens mentais e nos "apresentam" múltiplos significados?

- um poema digital: um conjunto de sons, palavras e imagens, de um modo geral, que nos provocam emoções através da hipertextualidade e da interatividade, um apertar botões, usar mouses e outras interfaces para a produção de uma poesia dos algoritmos e das novas mídias?

De forma bastante resumida, este comunicado tem por objetivo apresentar práticas e técnicas de leitura digital de poesias individuais ou enfeixadas num "livro", ou seja, num site ou num cd-rom, ou disquete, entre outras coisas.

Um série de exemplos de poesias parece-nos o caminho mais adequado para a compreensão de uma teoria que se forma da leitura das diferentes poesias existentes.

A poesia digital - ou qualquer outro nome que ela teve ou possa ter - tem um percurso que vai do som, da palavra e da imagem, do estático ao dinâmico, do linear ao não linear, do intertexto ao hipertexto, da apresentação impressa ou on-line, podendo ser incluído aqui todos os recursos tecnológicos que surgiram ou que possam surgir. Embora possa não ser inovador, é, também, a reprodução no micro ou na internet do que tem sido feito nos livros, mas, se destaca como uma adequação e/ou utilização dos recursos tecnológicos na produção de novos significados.

1 - A visualidade se faz através das palavras nos versos e estrofes da poesia, com o uso de parataxe e descritividade. A imagem passa a existir na mente do leitor, que entretece significados a partir de palavras que representam aspectos da realidade em sua cultura. Poema "De Tarde", de Cesário Verde (Portugal).

2 - A visualidade da palavra espacializada I - A palavra se apresenta como imagem e indica movimento, o que representa um dos aspectos da poesia experimental (antes e durante o advento do computador e da internet): economia de linguagem, transgressão da gramática, parataxe, uso do espaço como expressão poética, etc. (Castro 1996b: 144). Poema "Pêndulo" de E. M. de Melo e Castro (Portugal).

3 - A visualidade da palavra espacializada II - Período de transição: os procedimentos técnicos (letra set ou fontes de caracteres de um editor de textos de um software) determina facilidades ou escolhas, sem representar percursos novos, mas, sim, adequação aos novos meios.

No contexto eletrônico-digital, a palavra se torna imagem digital, à semelhança da palavra que se transforma em imagem indicando forma e movimento na poesia visual. Trata-se inicialmente de uma adequação de um meio (gráfico-espacial da folha de papel) ao outro (eletrônico-digital e tridimensional). Infopoesia *(C)Asa/House* de E. M. de Melo e Castro.

4 - A visualidade da palavra espacializada III - a inclusão do diagrama e a construção do hipertexto explícito. São relações espaciais à maneira de uma nova sintaxe. O "leitor tem que descobrir o seu próprio caminho através de uma rede de lexias." (Vos 1996: 222). A rota de leitura deixa de ser linear e passa a ser espacial, e, portanto, hipertextual. Poema diagrama *Diagram 4.1*, de Jim Rosenberg (Estados Unidos): http://www.well.com/user/jer/

5 - A visualidade da palavra espacializada IV - Uma outra hipertextualidade, já numa construção virtual em terceira dimensão. Com o uso da teoria da informação e do cálculo de probabilidade, a modificação da sintaxe usual das palavras para produzir a não-linearidade ou hipertextualidade, numa poesia que passa a ser chamada de poesia virtual (Györi 1996: 158.163). Poema *VP12B área A* de Ladislao Pablo Györi (Argentina):

http://www.postypographica.com/menu-en1/genres/vpoetry/menu-en.htm

6 - A palavra-imagem contexto digital e sua (i)legibilidade. A expressão *langu(im)age*, de Jim Andrews, em seu site *Vispo*, resume a palavra-imagem que se espacializa e utiliza dos recursos de um editor de imagens: "VISPO atende a uma linguagem siamesa de palavra e imagem. Eu sou um escritor. A linguagem se transforma correntemente, acontecendo primariamente na Web e na tela dos computadores de forma mais geral, o que conduz a muitos sites inovadores explorando as dimensões visuais da escrita." (Andrews 1995-2000). Poesia digital *ABCArchitecture*, de Jim Andrews (Canadá): http://www.vispo.com.

7 - A palavra no contexto digital e sua (i)legibilidade II - Por vezes, a palavra vira imagem mesmo, nada restando de seu significado através da representação convencional. Imagem-palavra ou palavra-imagem? Para Melo e Castro, os infopoemas resultam "da interação de três elementos: o indivíduo operador, o hardware e o software, interação sem a qual esses

poemas não seriam possíveis." (Castro 1998b: 27). Infopoesia de E. M. de Melo e Castro (Castro 2000: 329)

8 - A poesia diagramática ou hipermídia - Uma poesia não logocêntrica, capaz de compor todas as formas nas quais o conhecimento se manifesta, como palavras, números, imagens, sons, informações históricas etc., adequada à sociedade telemática, uma espécie de diagrama que compele a maneiras não-lineares e ativas de leitura. *Antilogia Laboríntica*, de André Vallias.

http://www.refazenda.com.br/aleer

9 - A poesia verbal que é relida no meio digital - Uma intertextualidade hipertextual - - Conquanto a poesia verbal já existente seja relida, a característica das novas mídias (interatividade, movimento, hipertextualidade, interfaces) determina um caminho de acesso: a leitura através do vídeo do microcomputador, o uso do teclado e do mouse, a exploração poética das novas tecnologias. *Poemas em computador / Poesia eletrônica*, de Alckmar Luiz dos Santos e Gilbertto Prado:

http://www.wawrwt.iar.unicamp.br/poemas/indexpoemes.htm

10 - A interpoesia como fusão das poesias existentes e adequação aos novos meios - A *interpoesia* ou *poesia hipermídia interativa* é aquela "em que sons, imagens e palavras se fundem, num processo sempre intersígnico complexo, em ambientes tecnológicos que propiciam precisamente a presença de signos verbais, visuais e sonoros em conjuminação: os programas de hipermídia" (Menezes in Menezes e Azevedo 1997/1998: p.s.n.), isto é, "um exercício intersígnico que deixa evidente o significado do trânsito sígnico das mídias digitais, desencadeando o que se pode denominar de uma nova era da leitura. (Azevedo em Menezes e Azevedo 1997/1998: p.s.n.)". Cd-rom *Interpoesia*, de Philadelpho Menezes e Wilton Azevedo.

11 - Palavras, imagens e sons num contexto de poeticidade digital do ciberespaço - Um poesia em movimento. A velocidade como forma de mostrar as muitas facetas da realidade. A necessidade de buscar significados pela reprodução das imagens digitais em movimento. Um

encontro com a poesia no ciberespaço. Poemas digitais *The Dazzle as Question* e *Terra*, de Claire A. Dinsmore (Canadá): http://www.studiocleo.com/projects/dazzle/

12 - A poesia-em-construção numa relação entre autor-leitor-operador: o leitor vira autor e o autor vira o intermediário, pois é quem oferece os elementos. *Ciberpoesia*, de Sérgio Capparelli e Ana Cláudia Gruszynki (Brasil): http://www.ciberpoesia.com.br

13 - Uma poesia digital que se utiliza dos elementos verbais e visuais - A junção de palavras, números, imagens, sons no contexto digital produz significados próprios do novo meio. A obra *Debris*, de Steve Dufy (Reino Unido): http://www.debris.org.uk

14 - A união entre autor experiente e iniciante, entre a arte e a poesia digitais. A autoria compartilhada em hipertextualidades. Site *A Room Without Walls*, de Ted Warnell (Canadá).[4]
http://www.warnell.com/

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve percurso deste comunicado procurou abranger desde a sonoridade da poesia impressa até a digitalidade da poesia que circula nos sites da internet. É um primeiro mapeamento do que pode ser chamado de poesia eletrônico-digital. Pode configurar-se até num percurso das poesias através dos tempos. Algo como uma antologia, à semelhança da proto-antologia da Poesia Hipermídia, de Christopher Funkhouser, para a poesia norte-americana.

BIBLIOGRAFIA

AAVV. (1996). *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. Edited by Haron Helmer Paggenpohl. Guest editor: Eduardo Kac. Cover design by Claudia Bernheim. *Visible Language 30.2*. Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, Graphic Design Department, January, May and September 1996, p.95-242.

[4] Destacamos uma experiência coletiva na construção de um poema digital VITA4PM, homenagem póstuma ao Prof. Philadelpho Menezes Neto (1960-2000), a partir de uma foto enviada por e-mail pelo autor deste comunicado: http://warnell.com/real/vita_4pm.htm)

BENSE, Max (1975). *Pequena Estética*. Trad. J. Guinsburg e Ingrid Dormien. SP, Perspectiva. (Debates 30).

BOOTZ, Philippe.

1996 - Poetic machinations, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January /September 1996, p.118-137.

1997-1998 - *L'Univers Leonardo - Galerie Virtuelle - Phillipe Bootz - a l i r e la revue d'écrits de source électronique*. http://www.olats.org/OLATS/leonardo/galeries/bootz/

1999 - *Oeuvres procédurales*. http://www.unige.ch/acultu/archives/ac98/9mar99.html

BURGAUD, Patrick Henri (2000). *The house of the small languages*. Holanda. In: http://www.burgaud.org

CASTRO, E. M. de Melo e.

1988 - *Poética dos meios e arte high tech*. Lisboa, Vega.

1996 - *Finitos mais finitos: ficção/ficções*. Lisboa, Hugin.

1996a - Videopoetry, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January / September 1996, p.138-149.

1996b - The cryptic eye. In JACKSON, K. D. et al (ed.), *Experimental-visual-concrete avant-gard poetry since the 1960s: critical studies*. Amsterdam / Atlanta, GA, Yale University, Rodopi.

1998 - *Algorritmos*: infopoemas. SP, Musa (Musa infopoesia 1).

1998a - Uma transpoética 3D, em *Dimensão: Revista Internacional de Poesia*, revista, Uberaba, MG, nº 27. p.151-178.

1998b - Humanizar o humano. In: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, SP, Secretaria Municipal de Cultura, v.56, jan .dez. 1998, p.21-27.

(org.) 1999 - Novos infopoetas de São Paulo, in *Dimensão: Revista Internacional de Poesia*, Uberaba, MG, ano XIX, nº 28/29, p.259-301.

1999 - *infopoesia: produções brasileiras (1995-99)*. http://culturabrasil.art.br/meloecastro/

1999b - *On Concrete and Visual Poetry*. http://culturabrasil.art.br/meloecastro/

2000 - *Antologia efémera: [poemas 1950-2000]*. RJ, Lacerda Ed.

CAYLEY, John.

1996 - Beyond Codexspace: Potentialities of Literary Cybertext, in *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (review). Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January /September 1996, p.164-183.

1999 - *Noth'rs*. http://www.heelstone.com./meridian/cayley.html

DANIEL, Claudio (1995). Seção Especial: Arte Eletrônica: Nova Estética. A poesia e o Computador. In: *Dimensão: Revista Internacional de Poesia*, dir. Guido Bilharinho, Uberaba, MG, ano XV, nº 24, p. 123-126,131.

DONGUY, J. (1997). Poesia e novas tecnologias no amanhecer do século XXI, in Domingues, D. (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. Trad. G. B. Muratore e D. Domingues (original francês). SP, Ed. UNESP, (Primas), p.257-271.

GONÇALVES, Aguinaldo José (1994). *Laokoon revisitado: relações homológicas entre texto e imagem*. SP, Edusp.

GYÖRI, L. P.

1995 - Seção Especial: Arte Eletrônica: Nova Estética: Criterios para una Poesía Virtual. In: *Dimensão: Revista Internacional de Poesia*, Uberaba, MG, ano XV, nº 24, p.127-129,133.

1995a. - *Vpoetry*. http://www.postypographica.com/menu-en1/genres/vpoetry/menu-en.htm

1996 - Virtual poetry, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January / September 1996, p.158-163.

KAC, E.

1986 - *The Brazilian Art and Technology Experience: A Chronological List of Artistic Experiments with Technosciences in Brazil*. http://mitpress.mit.edu/e-journals/Leonardo/isast/spec.projects.brazilchron.html

1995 - *Kac Web*. http://www.ekac.org

1995a - Uirapuru. In: http://www.ekac.org

1996 - Introduction, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Guest editor by Eduardo Kac. Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January / September 1996, p.98-101.

1996a - Holopoetry, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Providence, Rhode Island, January / September 1996, p.184-213.

1996b - Selected webliography, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Providence, Rhode Island, January / September 1996, p.234-237.

1997 - Aspectos da estética das telecomunicações, trad. S. Osthoff (original inglês), in RECTOR, M. e NEIVA, E. (org.) (1997). *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis, RJ, Vozes, (Primas), p.175-199.

LOTMAN, Iuri (1978). *A estrutura do texto artístico*. Trad. Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo (original russo). Lisboa, Estampa. (Teoria 41).

MACHADO, A.

1989 - A imagem eletrônica: problemas de representação. *Face*, revista, PUC-SP / COS, v.2, nº 1, janeiro/junho 1989, p. 69-81.

1994 - As imagens técnicas: da fotografia à síntese numérica. In: *Imagens*, revista, Campinas, SP, Editora da UNICAMP, nº 3, dez. 1994, p.8-14.

1996 - *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. 2.ed. SP, EDUSP.

1997 - Hipermídia: o labirinto como metáfora. in DOMINGUES, D. (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. Trad. G. B. Muratore e D. Domingues (original francês). SP, Ed. UNESP, (Primas), p.144-154.

1998 - Poesia e tecnologia, in: *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, jan.dez. 1998, v.56, p.11-20.

MENEZES, Philadelpho (1991). *Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas, SP, Ed. Unicamp. (Viagens da Voz).

MOLES, A. (1990). *Arte e computador*. Trad. P. Barbosa (original francês). Porto, Afrontamento. (Grande Angular 3).

NUNBERG, G. (1996). Les langues des sciences dans les discours électronique. In: Chartier, R. e Corsi, P. (dir.). *Sciences et langues en Europe*. Paris, Centre Alexandre Koyré / École des Hautes Études en Sciences Sociales /Centre National de la Recherche Scientifique / Muséum National d'Histoire Naturelle, p. 247-255.

POUND, Ezra (1989). *ABC da Literatura***.** Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. SP, Cultrix.

PERLOFF, Marjorie (1991). *Radical artifice: writing poetry in the age of media* USA / UF, Chicago / London, The University of Chicado Press.

ROSENBERG, J. (1996). The interactive diagram sentence: hypertext as a medium of thought, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January/September 1996, p.103-117.

s.d. - *Various texts.* http://www.well.com/user/jer/

SANTAELLA, L.

1992/1993 – Palavra, imagem & enigmas, in *Revista USP: Dossiê Palavra/Imagem*, SP, USP, dezembro 1992 / janeiro-fevereiro 1993, p.36-51.

1994 – A imagem pré-fotográfica-pós, in *Imagens*, revista, Campinas, SP, Editora da UNICAMP, nº 3, dez. 1994, p.34-40.

1999 – A leitura fora do livro, in *Poesia Intersignos*, SP, PUC SP COS.

http://www.pucsp/~cos-puc/epe/mostra/santaell.htm

USPENSKY, Boris (1983). *The Structure of the Artistic Text and Typology of a Compositional Form*. Translated from the Russian by Valentina Zavarin and Susan Wittig. USA, University of California Press.

VALLIAS, A.

1996a - We have not understood Descartes, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (revista). Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January / September 1996, p.150-157.

1997 - *Antilogia laboríntica [poema em expansão]*. http://www.refazenda.com.br/aleer/

VOS, E.

1996 - Interactive fiction; scilit; das gedicht als gebrauchsgegenstand; littérature potentielle - four views on literature and technology, in *Face*, revista, SP, PUC-SP/COS, janeiro/julho 1996, v.5, nº 1, p.104-137. Transcrito na revista *FACE on line*: http://www.pucsp.br/~cos-puc/face/s1_1998

1996a - New media poetry: theory and strategies, in AAVV. *New Media Poetry: Poetic Innovation and New Technologies*. *Visible Language 30.2* (review). Providence, Rhode Island, Rhode Island School of Design, January / September 1996, p.214-233.